

A CONCEPÇÃO ILUMINISTA DE HISTÓRIA

META

Expor a concepção iluminista de História.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: identificar os principais elementos da concepção de História do Iluminismo em sua variedade e refletir sobre o confronto entre providencialismo e progresso.

PRÉ-REQUISITO

Leitura da Aula nº 15 do livro *Introdução à Filosofia (CESAD)*.
Leitura do texto de Condorcet no Apêndice desta lição.



Frontispício da *Encyclopédie* (1772), desenhado por Charles-Nicolas Cochin e gravado por Bonaventure-Louis Prévost. Esta obra está carregada de simbolismo: a figura do centro representa a verdade – rodeada por luz intensa (o símbolo central do iluminismo). Duas outras figuras à direita, a Razão e a Filosofia, estão a retirar o manto sobre a Verdade. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

INTRODUÇÃO

Nesta lição nos ocuparemos da questão do sentido da história no pensamento iluminista que está diretamente ligada aos avanços no domínio do conhecimento científico da natureza e a um projeto político de revolução contra a instituição eclesiástica e contra o poder tradicional (monarquia absolutista). Os principais temas desta reflexão são os da crítica à providência e o do progresso.



Reunião de filósofos (Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>).

Tendo chegado a esta lição necessitamos estabelecer uma distinção entre a questão do método da história (epistemologia/pesquisa) e a pergunta filosófica pelo sentido mesmo da história, ainda que pela natureza da matéria com que tratamos se mostre impossível radicalizá-la. Fazendo, entretanto, esta distinção, precisamos dizer que no que concerne ao conhecimento histórico as contribuições de René Descartes (crítica) e de David Hume (construção) representam importantes referências, as quais todavia não seguiremos aqui, mas poderão ser encontradas em lições sobre a Teoria e o Método da História. Nesta lição, tentaremos manter os nossos olhos na questão do sentido ou da concepção da história, seja na forma explícita da conceituação, seja a partir da forma como esta se manifesta na estruturação de certos *discursos históricos*¹.



Revolução Francesa - "Forjando a Nova Constituição" (1791). Freeman (Fonte: <http://www.imagensgoogl>).

A concepção Iluminista da história manifesta-se mais como um processo de conquista intelectual de um campo, a que Ernst Cassirer (1994, p. 267) chama de "conquista do mundo histórico", sua estruturação não é tão bem delimitada conceitualmente e possui variações interessantes e instrutivas. Apesar de adquirir visibilidade centrando-se na oposição entre a teoria providencialista ou teológica e a sua teoria do progresso, a concepção Iluminista mantém o mesmo interesse cristão e medieval de epocalizar e estabelece o seu próprio apocalipsismo, apontando para o seu tempo como o momento das luzes que se opõe às fases anteriores tidas como trevas ou obscurantismo. Dessa tese extraem-se duas idéias, aparentemente conflitantes: a) a de que a história de até então é a história

do irracionalismo, impondo-se como tarefa construir a história da razão; b) a idéia de que há um longo, lento e eficiente progresso na história das sociedades e instituições.

Progresso X Providência- Assim aparece o confronto básico da filosofia da história com as teologias da história. Conforme Karl Löwith (1980, p. 107), este confronto foi o responsável pela primeira crise da consciência européia “quando a providência foi substituída pelo progresso”. As obras de Bossuet, *Discurso sobre a história universal* (1681) e seus *Sermões sobre a providência*, expressões da última teologia da história de escopo agostiniano, foram confrontadas com o *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*, de Voltaire, em 1756. A primeira e emblemática decorrência da emergência da obra de Voltaire foi a constituição da *autonomia do discurso histórico em relação à interpretação teológica e anti-religiosa*.



Voltaire (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

Apesar da estrutura das obras indicarem uma espécie de continuidade proposital, pois a obra de Bossuet pretende apresentar a história universal desde a criação do homem até a instauração do Sacro Império do Ocidente com Carlos Magno e a obra de Voltaire propõe-se a escrever

sobre “os fatos principais da história desde Carlos Magno até Luís XIII, o que se tem é o propósito claro de uma oposição de perspectiva e método. Há, todavia, três aparentes semelhanças: 1. concordam quanto a situação de “desordem” ou irracionalidade campeante na história; 2. Entendem que esta situação deverá ser superada ou vencida; 3. Defendem que o olhar imediato da história deve ser suplementado por um outro e melhor “ponto de vista”. Assim Bossuet (BOSSUET,s/d apud LÖWITH, 1980, p. 139-140.) combate os “livres pensadores” de seu tempo e tenta enquadrá-los e corrigi-los:

Os livres pensadores declaram guerra à providência divina e não encontram melhor argumento contra ela do que a distribuição do bem e do mal que parece injusta e irracional visto que não distingue entre os bons e maus. É lá que refugiam os ateus, numa fortaleza incontestável de onde ousam lançar mísseis à divina sabedoria que domina o mundo, falsamente convencidos como estão de que a aparente desordem dos assuntos humanos constitui prova contra esta mesma sabedoria. [...] Pretenderam liberta-se do jugo desta providência, a fim de manterem em independência uma liberdade que não se pode ensinar e os impele a viver ao seu bel prazer, sem receio, disciplina ou constrangimento. [...] Se se souber como determinar o ponto do qual todas as coisas tem de ser vistas, todas as iniquidades serão corrigidas, e ver-se-á apenas sabedoria onde antes se via a desordem.

Voltaire, como interpreta Löwith, “discorre expressamente como ‘filósofo’ e ‘historiador’, ou seja, não como crente em coisas divinas mas como homem que sabe o que é humano”, continua este mesmo intérprete e acrescenta: “Voltaire não só discrimina o que podemos saber pela razão a partir da crença na revelação; ataca também com críticas históricas as descrições bíblicas” (LÖWITH, 1980, p. 110). A revolução pelas ciências físicas e pela ação racional na política e na cultura (costumes) são os verdadeiros meios pelos se estabelece o progresso ou a libertação do homem em relação às superstições e aos dogmas religiosos e políticos. A cruzada voltaireana contra o obscurantismo, portanto, tem por base uma teoria do progresso laborioso e gradual.

Resta reconhecer que, a partir do próprio Voltaire, todo o conjunto dos pensadores iluministas vê a história como um campo onde até então o homem viveu envolto em desordem e sofrimento, cuja superação iminente é dada como oportunidade para quem, fazendo uso do ponto de vista correto (racional), avançar libertariamente contra as trevas do mito e da ignorância.

Karl Löwith (1980, p. 110 e 114.), nos esclarece, de forma sintética, sobre o método, as premissas e a idéia de Voltaire sobre a história, diz ele:

(Em Voltaire) O [...] método é bastante simples; recolhe o maior

número de provas possível de fatos culturais significativos e interpreta-os pelo padrão da razão humana comum. Para ele, a civilização é o desenvolvimento progressivo das ciências e das técnicas, da moral e do direito, do comércio e da indústria. Os dois grandes obstáculos a este progresso são as religiões e as guerras dogmáticas – os temas principais da teologia da história política de Bossuet. [...] No ensaio de Voltaire Deus foi retirado do domínio da História, pode ainda predominar, mas não por intervenção. *O objetivo e o sentido da história são melhorar, através da nossa própria razão, a condição do homem, torná-lo menos ignorante, “melhor e mais feliz”* [...] demasiado inteligente para sobreestimar a idéia do progresso. Acreditava num progresso moderado, interrompido por períodos de regressão e sujeito ao acaso [...]



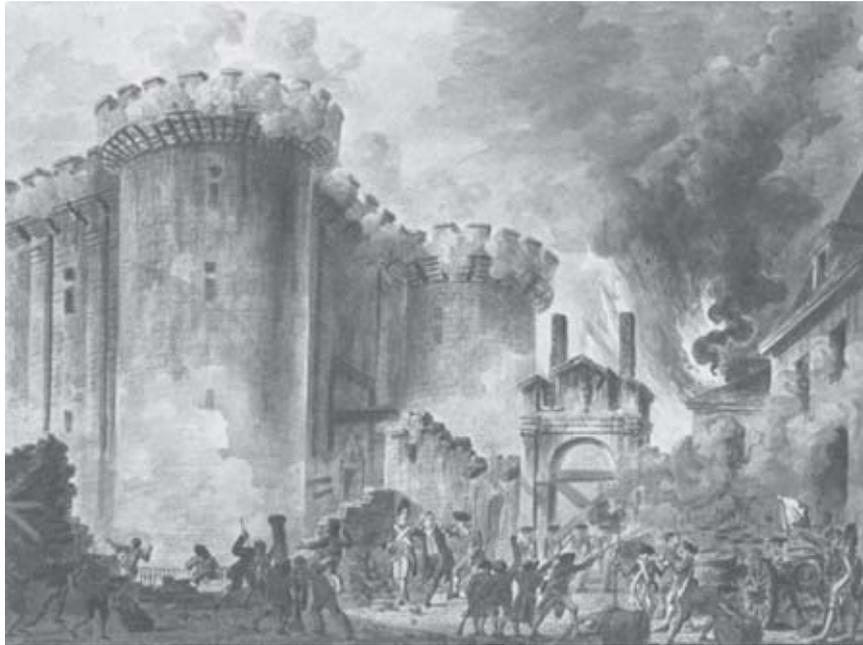
Condorcet (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

A idéia de “Progresso”, centro da concepção iluminista, ganhará contornos expandidos com outros pensadores como Turgot e Condorcet, ainda no século XVIII, e será amplamente exposta no livro de Condorcet, de 1793, intitulado *Esboço de um quadro histórico do progresso do espírito humano*. Nesta obra a idéia de progresso é apresentada com as seguintes características: *perfeccionismo*- trata-se do aperfeiçoamento intelectual, sócio-político e moral do ser humano; *inelutabilidade*- seu avanço é incontrolável e indetível; *naturalismo*- diz respeito a uma condição garantida ou imposta pela natureza; *cumulatividade*- o progresso se dá por acúmulo de saber e de sua aplicação; *unilinearidade*- o itinerário seguido pelo progresso é o mesmo em todos os espíritos e em todas as sociedades, variando apenas o tempo de suas atualizações. Nas palavras de Condorcet (1969, p. 63-64):

Tal é o fim do trabalho que empreendi, e cujo resultado será mostrar, pelo raciocínio e pelos fatos, que não foi marcado qualquer limite ao aperfeiçoamento das faculdades humanas; que a perfectibilidade do homem é realmente indefinida; que os progressos desta perfectibilidade, daqui em diante independentes de qualquer poder que quisesse detê-los, não tem outro limite senão a duração do globo em que a natureza nos lançou. Sem dúvida, estes progressos poderão seguir uma marcha mais ou menos rápida; mas nunca será retrógrada.

Segundo o raciocínio deste mesmo pensador, é o acúmulo do saber científico, que permite o poder de “previsão” humana, o fator responsável pelo progresso do espírito, inclusive no campo da moral e da organização sócio-política. Assim se mostra o poder de previsão da ciência como substituto da providência. Eis o argumento condorcetiano (CONDORCET, 1969, p. 69):

Se o homem pode predizer, com segurança quase completa, os fenômenos cujas leis conhece; se mesmo quando elas são desconhecidas pode, segundo a experiência do passado, prever com grande probabilidade, os acontecimentos do futuro; porque razão se havia de considerar como empresa quimérica a de traçar, com alguma verossimilhança, o quadro dos futuros destinos da espécie, segundo os resultados de sua história? O único fundamento da crença nas ciências naturais é a idéia de que as leis gerais, conhecidas ou ignoradas, que regem os fenômenos do universo, são necessárias e constantes; e por que razão este princípio haveria de ser menos verdadeiro para o desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais do homem do que para as outras operações da natureza?



Revolução Francesa - Tomada da Bastilha (Fonte: <http://www.imagensgoo>).

Como ficou patente no argumento acima a “conquista do mundo histórico” vem conjugada com ao conhecimento do “mundo natural” (CASSIRER, 1994, p. 269-270), daí resulta não só um *resíduo de substancialismo* no conceito de natureza imutável, que afetará a compreensão da história por ser esta identificada como ciência da “natureza” humana; mas, também, uma *visão imanentista* [imane = aquilo que constitui internamente alguma coisa] *do sentido da história* o qual se torna verificável através do conhecimento das leis que estão subjacentes aos fatos e os determinam; assim como um problema metodológico de querer aplicar ao conhecimento da história a mesma problemática, o mesmo método e a mesma atitude intelectual (relação sujeito-objeto) do conhecimento da natureza.

As relações destas posições com o mecanicismo de Descartes são claras e a naturalização cientificista do humanismo histórico é identificável nestes pensamentos. Entretanto, uma presença mais intensa destes pontos de vista dar-se-á no século XIX com as teorias evolucionistas que transplantarão o modelo de explicação das ciências naturais, principalmente o da biologia (em ascensão naquele período), para o campo do conhecimento histórico e do pensar a história. As críticas que o cartesianismo [escola de pensamento centrada nas ideias de Descartes = cartesius em latim] e os evolucionismos sofrerão abater-se-ão inevitavelmente também sobre o saber histórico e provocarão uma crise profunda nos fundamentos das reflexões filosóficas sobre o sentido da história e seu conhecimento.



Napoleão (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

CONCLUSÃO

O pensamento iluminista sobre a história se caracterizou pela sua centralização no conceito de progresso posto em oposição ao conceito de providência. A estruturação de sua interpretação da história como narrativa universal, todavia, indicou várias semelhanças com os marcos da concepção cristã de história: apocalipsismo e epocalismo. Todavia, registraram-se também resíduos de um certo substancialismo e ainda se mostrou em sua concepção uma idéia imanentista do sentido do processo histórico que seria muito frutífera para os séculos seguinte.

RESUMO

A história do ponto de vista do iluminismo é centralizada na idéia do progresso que se opõe à idéia da providência, porém, apesar de certa semelhança com a concepção cristã, sua idéia de história estrutura-se de forma imanentista e deu suporte a uma revolução cultural de larga escala sob as nações ocidentais.





ATIVIDADES

Escreva uma redação sobre o tema: Progresso Força Imanente da História.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADE

O texto produzido deve destacar os seguintes pontos: contexto da origem da idéia de progresso, explicitação do conceito de imanência, oposição progresso X providência, relações do conceito de progresso com o de conhecimento científico.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula apresentaremos a primeira crítica problematizadora da concepção iluminista da história feita pelo movimento romântico.

REFERÊNCIAS

- CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo**. 2 ed. Tradução: Alvaro Cabral. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- COLLINGWOOD, R. G. **A ideia de História**. 6 ed. Tradução: Alberto Freire. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- CONDORCET, Antoine-Nicolas. Esboço para um quadro histórico do progresso do espírito humano. In GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Tradução: Vitor Matos e Sá. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 62-70, 1969.
- LÖWITH, Karl. **O sentido da História**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- VOLTAIRE, François-Marie Arouet. **Voltaire: textos escolhidos** (Os pensadores). Tradução: Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- NASCIMENTO, M. G. S. **Voltaire: a razão militante**. São Paulo: Moderna, 1993.

**ESBOÇO PARA UM QUADRO HISTÓRICO DO
PROGRESSO DO ESPÍRITO HUMANO²**

Antoine-Nicolas Condorcet

O PROGRESSO DO ESPÍRITO HUMANO**A Natureza dos homens**

O homem nasce com a faculdade de receber sensações; de as perceber e de distinguir nelas as sensações simples de que se compõem, de as recordar, reconhecer e combinar; de comparar, entre elas, essas combinações; de apreender o que tem em comum e o que as distingue; de ligar sinais a todos estes objetos a fim de os reconhecer melhor e o de facilitar a produção de novas combinações. Esta faculdade desenvolve-se nele pela ação das coisas exteriores, isto é pela presença de certas sensações compostas, cuja Constancia quer na identidade do seu conjunto, quer nas leis de suas modificações, é independente dele. Desenvolve-se igualmente pela comunicação com indivíduos como ele; por ultimo, através de meios artificiais que os homens foram levados a inventar com base nesses primeiros desenvolvimentos.

As sensações são acompanhadas de prazer e de dor, e o homem tem igualmente a faculdade de transformar estas impressões momentâneas em sentimentos duradouros de caráter agradável ou desagradável e de experienciar estes sentimentos quando vê ou recorda os prazeres ou as dores dos outros dos outros seres sensíveis. Finalmente, em consequência da união desta faculdade com a de formar e combinar idéias, nascem, entre ele e os seus semelhantes, relações de interesse e de dever, às quais a própria natureza quis ligar a porção mais preciosa da nossa felicidade e os mais dolorosos dos nossos males.

Se nos limitarmos a observação e aos estudos dos fatos gerais e das leis constantes que o desenvolvimento destas faculdades apresenta, considerando só o que há de comum aos diversos indivíduos da espécie humana, então essa ciência denomina-se metafísica.

Mas se considerarmos esse mesmo desenvolvimento tal como se manifesta nos indivíduos que coexistem num dado espaço, e se o seguirmos de geração em geração, ele apresenta, então, o quadro dos progressos do espírito humano. Este progresso está submetido as mesmas leis gerais que se observam no desenvolvimento das

faculdades dos indivíduos, visto que o resultado desse desenvolvimento considerado ao mesmo tempo um grande número de indivíduos reunidos em sociedade. Mas o que acontece em cada instante é o resultado do que aconteceu em todos os momentos anteriores; e tem, por sua vez, influencia sobre o que acontecerá no futuro.

Este quadro é, portanto, histórico, visto que, estando sujeitas a perpetuas variações, se forma pela observação sucessiva das sociedades humanas nas diferentes épocas que percorreram. Deve apresentar a ordem das transformações, expor a influencia que cada momento exerce sobre o momento subsequente e mostrar assim, nas transformações que sofreu a espécie humana – ao renovar-se, ininterruptamente, através da imensidade dos séculos – o caminho que seguiu, os passos que deu pra verdade ou para a felicidade. Estas observações sobre o que foi o homem e sobre o que é hoje conduzirão depois ao conhecimento dos meios de assegurar e acelerar os novos progressos que a sua natureza lhe permite esperar ainda.

Tal é o fim do trabalho que empreendi, e cujo resultado será mostrar, pelo raciocínio e pelos fatos, que não foi marcado qualquer limite ao aperfeiçoamento das faculdades; que a perfectibilidade do homem é realmente indefinida; que os progressos dessa perfectibilidade, daqui em diante independentes de qualquer poder que quisesse detê-los, não tem outro limite senão a duração do globo em que a natureza nos lançou. Sem dúvida, estes progressos poderão uma marcha mais ou menos enquanto a terra ocupar o mesmo lugar do sistema do universo e as leis gerais desse sistema não produzirem nesse globo nenhum cataclismo geral nem transformações tais que impedissem a espécie humana de nele se conservar, e manifestar as mesmas faculdades e encontrar os mesmos recursos.

[...]

O Progresso Futuro do Espírito Humano

Se o homem pode predizer, com segurança quase completa, os fenômenos cujas leis conhece, se mesmo quando elas lhes são desconhecidas pode, segundo a experiência do passado, prever, com grande probabilidade, os acontecimentos do futuro; por que razão se havia de considerar como empresa quimérica a de traçar, com alguma verossimilhança o quadro dos futuros destinos da espécie humana, segundo o resultado da sua historia? O único fundamento da crença nas ciências naturais é a idéia de que as leis gerais, conhecidas ou ignoradas que regem os fenômenos do universo, são necessárias e constantes; e por que razão este princípio havia de ser menos verdadeiro para o desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais do homem do que para outras operações da natureza? Enfim,

visto que as opiniões formadas de acordo com a experiência do passado, sobre os objetos da mesma ordem, são a única regra na conduta dos homens mais sábios, por que razão se havia de proibir o filósofo de apoiar as suas conjecturas sobre esta mesma base, desde que ele não lhe atribua uma certeza superior à que pode nascer do número, da constância e da exatidão das observações?

As nossas esperanças quanto à condição futura da espécie humana podem reduzir-se a estes três pontos importantes: a destruição da desigualdade entre as nações; os progressos da igualdade num mesmo povo; e, finalmente, o aperfeiçoamento real do homem. Irão todas as nações aproximar-se um dia do estado de civilização a que chegaram os povos mais esclarecidos, mais livres, menos presos a preconceitos, tal como os franceses e os anglo-americanos? Irá desaparecer pouco a pouco a distância imensa que separa estes povos da servidão das nações submetidas aos reis, da barbárie das tribos africanas, da ignorância dos selvagens?

Haverá sobre o globo regiões cuja natureza tenha condenado os habitantes a jamais gozarem de liberdade, a jamais exercerem a sua razão?

Esta diferença de luzes, de meios ou de riquezas, observadas até agora em todos os povos civilizados entre as classes que compõem cada um deles; esta desigualdade que os primeiros progressos da sociedade aumentaram e, por assim dizer, produziram, derivará da própria civilização ou das imperfeições atuais da técnica social? Irá ele atenuar-se, continuamente, para dar lugar a essa igualdade de fato que é o objetivo último da arte social e que, diminuindo realmente os efeitos da diferença natural das faculdades, só deixa subsistir uma desigualdade útil ao interesse de todos, porque favorecerá os progressos da civilização, da instrução e da indústria, sem acarretar nem dependência nem humilhação nem empobrecimento? Numa palavra, aproximar-se-ão os homens desse estado em que todos terão as luzes necessárias para se conduzirem segundo a sua própria razão nas tarefas comuns da vida e para a manterem isenta de preconceitos, conhecerem bem os seus direitos e os exercerem segundo a sua opinião e a sua consciência; e em que todos poderão, pelo desenvolvimento das suas faculdades, obter os meios seguros de prover às suas necessidades; e em que finalmente, a estupidez e a miséria não serão mais do que acidentes e não o estado habitual de uma parte da sociedade?

Por último, deverá a espécie humana melhorar quer por novas descobertas nas ciências e nas artes e, como consequência necessária, nos meios de bem-estar individual e de prosperidade comum quer por progressos nos princípios de conduta e de moral prática; quer,

enfim, pelo aperfeiçoamento real das faculdades intelectuais, morais e físicas que por ser igualmente o resultado, ou do aperfeiçoamento dos instrumentos que aumentam a intensidade e dirigem o emprego destas faculdades ou mesmo da organização natural do homem?

Respondendo a estas três perguntas encontramos, na experiência do passado, na observação dos progressos que as ciências e a civilização fizeram até aqui, na análise da marcha do espírito humano e do desenvolvimento das suas faculdades, os motivos mais fortes para acreditar que a natureza não pôs nenhum limite às nossas esperanças.

² CONDORCET, Antoine-Nicolas. Esboço para um quadro histórico do progresso do espírito humano. In GARDINER, Patrick. Teorias da história. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.